

Modernidade versus Tradição: uma visão africana

José Luis Dias*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6562-5904>

Elizabeth Mariana Alfredo Capathia Nahia**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2910-6963>

RESUMO

Este trabalho tem como principal objectivo analisar de que maneira os conceitos de tradição e modernidade foram operacionalizados em África, mostrando também até que ponto a tradição da cultura africana interfere no progresso sócio económico. Acepção histórico-etnológica explica que o homem é dotado de poder criador de cultura e que a cultura não é uma prescrição da natureza embora esta tenha uma influência sobre aquela. Como se pode compreender, a acepção antropológica de tradição constitui, indubitavelmente, o fundamento da acepção histórico-etnológica, embora permaneça a ideia de que o que se capta é apenas uma cultura variada e historicamente específica. A pesquisa é meramente bibliográfica, baseada na interpretação de informações publicadas em forma de livros, revistas, textos legais, publicações avulsas. À luz das investigações feitas, ficou evidente que a modernidade pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao mundo “industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Modernidade implica o controlo regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeterminadas.

PALAVRAS CHAVES

Tradição; Modernidade; Cultura Africana

Modernity versus Tradition: an african view

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze how the concepts of tradition and modernity were operationalized in Africa, also showing the extent to which the tradition of African culture interferes with socio-economic progress. Historical-ethnological meaning explains that man is endowed with the power to create culture and that culture is not a prescription of nature, although this has an influence on that. As can be understood, the anthropological meaning of tradition undoubtedly constitutes the foundation of the historical-ethnological meaning, although the idea remains that what is captured is only a varied and historically specific culture. The research is purely bibliographical, based on the interpretation of information published in the form of books, magazines, legal texts, separate publications. In the light of the investigations carried out, it became evident that modernity can be understood as roughly equivalent to the “industrialized” world as long as it is recognized that industrialism is not its only institutional dimension. Modernity implies the regular control of social relations within indeterminate spatial and temporal distances.

KEYWORDS:

Tradition; Modernity; African Culture

* Doutor em Inovação Educativa. Docente do Instituto Superior Politécnico de Manica, Divisão de Economia, Gestão e Turismo, Distrito de Vanduzi, Posto Administrativo de Chiremera, Moçambique. E-mail: dias.jose34@gmail.com

** Doutoranda em Língua, Cultura e Sociedade pela Universidade Zambeze, Moçambique; Docente na Universidade Púnguè, Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades, Curso de Português. E-mail: enahia78@gmail.com

Modernité contre tradition: une vision africaine

RESUME

L'objectif principal de ce travail est d'analyser comment les concepts de tradition et de modernité ont été opérationnalisés en Afrique, en montrant également à quel point la tradition de la culture africaine interfère avec le progrès socio-économique. Le sens historico-ethnologique explique que l'homme est doté du pouvoir de créer la culture et que la culture n'est pas une prescription de la nature, bien que cela ait une influence sur celle-ci. Comme on peut le comprendre, le sens anthropologique de la tradition constitue sans aucun doute le fondement du sens historico-ethnologique, même si l'idée demeure que ce qui est capté n'est qu'une culture variée et historiquement spécifique. La recherche est purement bibliographique, basée sur l'interprétation d'informations publiées sous forme de livres, de revues, de textes juridiques, de publications séparées. À la lumière des investigations menées, il est devenu évident que la modernité peut être comprise comme approximativement équivalente au monde « industrialisé » tant qu'il est reconnu que l'industrialisme n'est pas sa seule dimension institutionnelle. La modernité implique le contrôle régulier des rapports sociaux dans des distances spatiales et temporelles indéterminées.

MOTS CLES

Tradition; Modernité ; Culture Africaine

Mazuva ano Zvinopesana Netsika: Maonero eAfrica

CHIGWAGWA

Chinangwa chikuru chebasa iri ndechekuongorora kuti pfungwa dzechivanhu nemazuva ano dzakashandiswa sei muAfrica, zvichiratidzawo kuti tsika dzechivanhu dzemuAfrica dzinokanganisa sei kufambira mberi kwemagariro nehupfumi. Historical-ethnological meaning inotsanangura kuti munhu akapiwa simba rekugadzira tsika uye kuti tsika haisi chirevo chechisikigo, kunyange izvi zvine simba pane izvozvo. Sezvinogona kunzwiswa, chirevo cheanthropological chetsika pasina mubvunzo chinoumba hwaro hwechirevo chenhorondo-ethnological, kunyangwe pfungwa ichiramba iri yekuti chinotorwa ingori tsika dzakasiyana-siyana uye dzenhorondo. Tsvagiridzo iyi ndeyezvinyorwa zvebhaibheri, zvichibva mukududzirwa kweruzivo rwakaburitswa mumhando yemabhuku, magazini, zvinyorwa zveutemo, zvinyorwa zvakasiyana. Muchiedza cheongororo yakaitwa, zvakava pachena kuti zvechizvino-zvino zvinogona kunzwiswa zvakada kuenzana nenyika ye "industrialized" chero zvichizivikanwa kuti indasitiri haisiriyo yega danho remasangano. Mazuvano zvinoreva kudzora hukama hwemagariro mukati menzvimbo dzisingaverengeki uye dzenguva pfupi.

MASOKO EKUTSIGIRA:

Tsika; Mazuvano; Tsika dzeAfrica.

Introdução

A presente pesquisa enquadra-se na temática da visão africana no que tange a modernidade e tradição. Os estudos a respeito da África por muito tempo se concentraram mais nas suas relações a partir do colonialismo e com outros continentes, o que começou a se modificar a partir dos anos 1950, como explana Curtin (1982). Essa perspectiva é influenciada pela visão que os historiadores passaram a ter a partir desse período, encarando que são fruto do seu próprio tempo e que essa característica influenciaram diretamente na sua escrita da História.

Nesse sentido, os historiadores passaram a rever as categorias silenciadas anteriormente pela historiografia, como as mulheres, questões do cotidiano e também a África, encarando então o discurso de poder que está envolvido nas escolhas pelos temas historiográficos. Essa quebra de narrativa, inclui pensar a África a partir de novos métodos de construção do conhecimento, sobre as pessoas e os povos que eram anteriormente deixados de lado.

É a partir dessa perspectiva que se desenvolve os estudos africanos que, como aponta Feiermam (1993), buscam questionar e abarcar essas novas categorias não apenas para adicionar novas informações para a História, mas também para rever as narrativas e a forma como são construídos, buscando então quebrar com um pensamento exclusivamente linear, característico do eurocentrismo e das categorias metodológicas ocidentais.

Entretanto, a maioria dos estudos sobre os aspectos tradicionais africanos, mesmo com essa guinada nos estudos históricos estão mais restritas às áreas da antropologia e a ciências jurídicas e políticas, e não tanto na área histórica. Dessa forma é necessário analisar a tradição e modernidade sob um olhar interdisciplinar perpassando não apenas a História, mas relacionando-a com as Ciências Sociais, visto que essa perspectiva interdisciplinar é extremamente necessária para se estudar temas africanos.

Com base nesta questão norteadora, buscamos satisfazer os seguintes objetivos: Analisar os conceitos de tradição e modernidade; Descrever a sociedade tradicional no contexto africano e avaliar o processo de tradição versus modernidade em prol do desenvolvimento Africano. Como procedimento metodológico, recorreu-se à análise bibliográfica, baseado na análise e interpretação da literatura já publicada em forma de livros, revistas, textos legais, publicações avulsas de autores que abordam aspetos ligados a tradição e modernidade.

Por um lado, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2000). Por outro lado, é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados ou leis, em qualquer campo de conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 1978). Em questões organizacionais, o trabalho encontra-se dividido em três grandes partes que incorporam alguns subtópicos. Em primeiro lugar, abordamos a respeito da conceptualização da tradição e modernidade. Na parte subsequente tratamos a respeito da Sociedade Tradicional Africana. Por fim, desenvolvemos a seção da

modernidade e a Cultura africana, onde destacamos a ciência e a técnica dentro da cultura Africana.

1. Modernidade e Tradição: Conceptualização e reflexão

Com a modernidade, o mundo tradicional africano está muito abalado, apesar de algumas resistências. Contudo, a África já é um mundo moderno. Os africanos ganharam uma nova forma de vida fruto das mutações culturais que se registram no âmbito da modernização, que é também um elemento da globalização.

Desconsiderar o fenômeno da modernidade no atual contexto africano leva à realização de um trabalho descontextualizado, que não permitirá captar a realidade total do mundo africano. O nosso escopo volta-se, na presente reflexão, para a cultura africana, procurando compreender como pode ela, nos meandros da modernidade, gizar o seu destino, portanto o seu próprio futuro.

Para um exaustivo desenvolvimento do tema iremos recorrer aos subsídios quer da História, antropologia, sociologia, antropologia filosófica e outras ciências afins, dada a interdependência epistemológica que há entre essas disciplinas. Sob o ângulo de uma profunda análise que se possa fazer dos termos que o título desta reflexão apresenta, saltar-se-á à vista um binômio que forma uma curva: cultura e modernidade, associando-se àquele primeiro elemento o adjetivo biforme que com ele concorda em gênero e número. Não iremos proceder, porém, a uma incursão histórica dos conceitos já citados, prevenindo-nos da vã prolixidade.

Por cultura entende-se o conjunto de tudo aquilo que a humanidade recebeu da natureza como aptidões, mas também produziu pela sua própria atividade criadora bem como todas as organizações sociais e costumes, todas as formas de conduta e de desenvolvimento da vida, desde as práticas técnicas até à linguagem, estilo de arte e formas de pensar.

2. Sociedade Tradicional Africana

Há já muito que se deu a abolição da sociedade tradicional africana. A história no-lo atesta vivamente fazendo menção à época dos descobrimentos e expansionismo europeu datada do século XV. Embora os contactos entre África e Europa datem desde o século XV é, sobretudo, a partir dos séculos XVII e XVIII que se vai operar uma transformação mais radical da sociedade africana devido às inovações trazidas pela Revolução Industrial iniciada na Grã-Bretanha, marcando assim, a passagem das

sociedades tradicionais africanas às sociedades modernas. Essas inovações facilitaram a colonização europeia da época, pois, a viragem brusca nos usos e costumes, deixou os africanos desorientados. A modernidade, expansão da cultura ocidental nas sociedades não ocidentais, tocando os aspectos como a tecnologia, economia, política, religião, a urbanização, a industrialização e a cultura, é já um fenômeno irrefutável (Dussel, 1994).

A irrefutabilidade desse fenômeno, em África, é também uma clara verdade. A questão, porém, que levantamos é: Como a África, em sede de vertiginosas mudanças impostas pela modernidade, pode desenhar o seu próprio futuro? Em nosso entender, o posicionamento do homem africano não deve consistir mais em refutar a mudança, mas sim definir o que deve ser mudado, já que nem todas as formas de mudanças geram benefícios. Entrementes, a definição desse ideal requer dos africanos uma “redescoberta de si próprios e da África” para uma clara tomada de consciência da sua situação existencial do presente e projetar um futuro melhor para todos os africanos.

A falta de um conhecimento profundo e verdadeiro de si e da África leva a que os africanos enfrentem retumbantes aporias e não saibam tomar decisões certas para solucionar os diversos problemas do cotidiano e projetar o continente no caminho do desenvolvimento futuro. A modernidade e sua mentalidade são pesados desafio ao homem africano e à sua cultura. Ante esse fenômeno mascarado, o homem africano não deve cruzar as mãos e recusar as mudanças que ocorrem na sua sociedade, sobretudo as que afetam os seus valores mais profundos como a língua, a própria pessoa, as tradições, a religião, etc. A África deve procurar adaptar-se aos novos ventos da modernidade mesmo que soprem contra ela, no sentido de criar condições favoráveis ao seu próprio desenvolvimento quer no presente quer no futuro. A modernidade, se bem encarada e usufruída, é um caminho aberto para o desenvolvimento tanto presente como futuro do continente africano.

3. A questão da modernidade e a Cultura africana

O capitalismo, como modo de produção internacional e processo de amplas proporções, torna-se, a partir do século XX, global, causando influência em todas as formas de organização do trabalho e da vida social. Esse processo que passa a ser simultaneamente social, econômico, político e cultural, recria uma nova sociedade que está sempre em movimento.

Segundo Ianni (1996, p.223) refere que

há uma globalização de coisas, gentes e ideias, modificando os quadros sociais e mentais de referência, construindo-se uma racionalidade única, onde tudo que é regional e nacional revela-se como integrante de um todo global. Há uma modificação e fragmentação das noções de espaço e tempo, do pensado e do pensamento, da realidade e da virtualidade, do todo e das partes. Neste universo de globalização presente na modernidade, faz-se presente o universo da fragmentação, no qual a história é substituída pelo efêmero, pela imagem do instante e pelo lugar fugidio.

Assim, o paradigma da modernidade, que se reduz ao desenvolvimento capitalista e que supõe ter a natureza sob controle através de um sistema perito cada vez mais capacitado na competência técnica para compreender e controlar os fenômenos do mundo, bem como traduzi-los como modernidade, é um mundo em disparada, não apenas no âmbito social, mas na própria amplitude e profundidade com que afecta as relações e práticas sociais, além dos modos de comportamentos tradicionais, cujas sociedades e culturas tiveram que se adaptar e se situar com o dinamismo da modernidade (Giddens, 2002).

Esse mundo moderno, cuja globalização desenvolve laços genuinamente mundiais, ao mesmo tempo em que se desvincula do passado e das amarras das tradições, depara-se também com os riscos deletérios deste processo, dentre os quais o surgimento de novas doenças, das fragilidades das identidades, do policulturalismo e da dinâmica imposta pelo ritmo do tempo.

3.1 A ciência e a técnica dentro da cultura Africana

Nesta temática pretende-se analisar como a ciência e a técnica influenciaram a modernidade no seio da cultura Africana. Neste âmbito Giddens (2002, p.230) refere que:

A ciência e técnica duas dimensões humanas endeusadas pela modernidade, são-no, na medida em que se constituíram numa espécie de trampolim para o alcance do progresso e desenvolvimento. A África também é chamada, nesta época da alta modernidade, com um olhar com particular atenção para esses dois fenômenos e a fazer um investimento cada vez mais acentuado para sua conquista, sem olvidar da essência da sua cultura. É que a ciência e a técnica, para além de serem em si produto de uma cultura, são, em si, uma forma de cultura. E, é dessa forma de cultura que a África também se deve ocupar a produzir para se auto-afirmar nesse mundo cada vez mais moderno.

Nesta perspectiva, o autor acima referenciado sustenta que a ciência e a técnica no contexto da modernidade não pode condicionar a cultura de um povo, mais pode induzir na modernidade dentro do seu contexto histórico e cultural. A valorização e investimento na ciência e na técnica, em África, irão desembocar na revalorização do homem africano

..
bem como levarão a que os efeitos da guerra, do subdesenvolvimento e da permanente dependência externa do continente diminuam, para além de contribuírem eficazmente na resolução de outros problemas não menos importantes como a fome, a emigração, o desemprego, o saneamento básico, a saúde, a educação (Giddens, 2016).

À elite intelectual africana também é confiada a árdua tarefa de realizar estudos, pesquisas sobre a situação atual do continente, isto é, procurar revelar as usas disparidades e insucessos e sugerir novas perspectivas que orientem o continente para tempos melhores. Aos governantes das Nações é igualmente incumbida a missão de zelar pela preservação do acervo cultural do continente garantindo que o eco cultural do continente soe bem alto e se mantenha incólume nos nossos dias, mesmo que sejam os mais afetados pela mentalidade modernista.

3.2 Rituais como formas de reprodução simbólica

A reprodução simbólica que se dá através dos rituais, surge como um meio de neutralização de ameaça ao que se considera estranho, daquilo que é novo, mas que para muitos parece ainda ineficaz diante do desespero e despreparo para se enfrentar a nova realidade que se posiciona no mundo.

Desta maneira, o retorno à tradição, através da utilização do simbolismo dos rituais de cura, formado pela linguagem, pelos gestos, objetos, emoções e pessoas determinadas, adquire um poder misterioso de ligar o humano e o sagrado. Segundo Davidson (1969, p. 160) refere que “O sagrado pode ser considerado como experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que habita algum ser – planta, animal, humano, coisas, ventos, águas, fogo. Essa potência é tanto um poder que pertence própria e definitivamente a um determinado ser, quanto algo que ele pode possuir e perder, não ter e adquirir.”

Nesta perspectiva e parafraseando o autor acima citado, sustenta que o poder sobrenatural habita em seres e em fenómenos naturais e sobrenaturais no seio de uma determinada cultura que por sua vez influencia a modernidade. O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade de alguns sobre outros, do poderio de alguns sobre outros, da superioridade e poder sentidos como espantosos, misteriosos, desejados e temidos. Entretanto, as balizas temporais utilizadas ainda se conformam dentro de um padrão eurocêntrico. Assim é necessário repensar essas questões que dizem respeito da ideia de modernidade. Dussel (1994, p. 166) refere que:

Existe uma diferença entre a modernidade e o mito da modernidade. Para ele, o primeiro se concentra em mostrar o sentido emancipador da razão moderna articulando os conceitos de progresso, civilização e domínio de tecnologia; artifícios esses que foram desenvolvidos devido ao processo histórico o qual a Europa passou, tais como o Iluminismo, a Revolução Francesa.

Entretanto, o filósofo aponta que essas questões acabavam por ocultar os processos de dominação e violência que esse pensamento acabava exercendo sobre as outras culturas, justificando-as a partir do discurso civilizatório. O segundo conceito, o de mito da modernidade, apresenta a questão do pensamento da cultura europeia como mais desenvolvida em relação as outras o que justificaria a sua ação doutrinária, inocentando a figura do europeu da violência que comete.

Aqui é interessante levantar uma pergunta importante. Se a modernidade é um fenômeno exclusivo europeu como dito anteriormente, como podemos pensá-la em outras sociedades que não compõem este espaço e não percorreram este “preâmbulo” histórico? Para refletir as diferentes realidades é necessário fazer um exercício de deslocamento conceitual que permita pensar esses conceitos, trabalhados a décadas por historiadores, sociólogos entre outros intelectuais, como conceitos sem sentidos fixos (Dussel, 1994). Dussel (1994, p. 167) refere que:

Assim como o moderno, a questão da tradição e as conceituações feitas em volta do termo também são rodeadas de ideologias. Muitas vezes esses dois aspectos (moderno x tradicional) são vistos como duas categorias conflitantes, ainda mais reforçadas pelo pensamento de progresso da modernidade. Como foi exposto anteriormente com a junção histórica e co-realização de que acaba por incluir outros agentes históricos na modernidade, podemos abrir espaço para se pensar na modernização da tradição, pensamento esse explanado por (Geschiera, 2006). Essa questão da modernização da tradição é vista como uma possível saída para poder se estudar a cultura africana.

Nesse pensamento, a resistência e permanência das tradições, tais como o lobolo, a centralidade dos chefes tradicionais e aos ancestrais, no caso de Moçambique por exemplo, podem ser encarados como a própria modernidade africana, novamente aqui deslocando o sentido fixo de modernidade e inserindo-o em outras realidades. Entretanto o autor alerta para que ao pensar em uma modernidade característica africana, não haja um processo de excepcionalização dos países e exclusão da História mundial, dessa forma, ele aponta que ao pensar em uma modernização da tradição não significa necessariamente pensar em uma retraditionalização da sociedade, mas sim repensar as categorias que a compõe. Analisando historicamente, percebe-se que a tradição se

adéqua às novas características, tais como a monetarização e os processos de individualização como símbolos da modernidade, mas com a percepção sobre os bens e o indivíduo permanecendo ambivalentes.

Conclusão

Com o presente trabalho de pesquisa, procurou-se analisar de que maneira os conceitos de tradição e modernidade foram operacionalizados em África, mostrando também até que ponto a tradição da cultura africana interfere no progresso sócio econômico. À guisa de conclusão a respeito da Visão Africana em contexto da modernidade e tradição, ficou evidente que A cultura africana mantivera desde muito cedo um contacto mais direto com a cultura europeia. Pese embora tal contacto sucedesse já no século XV, apenas nos séculos XVII e XVIII é que a África vai ser trespessada pela modernidade. A modernidade é um fenômeno responsável pelas bruscas mudanças verificadas na economia na política, na cultura e na sociedade africana, ferindo, em alguns casos, não raras vezes, o seu mosaico cultural e não só (Feirman, 1993).

A tradição moderna é um desafio ao homem africano e à sua cultura. Apesar das bruscas mudanças, a definição do futuro do continente depende dos próprios africanos. Para tal, um conhecimento mais profundo de si e da realidade africana se impõe como uma necessidade ao homem africano de hoje bem como a adaptabilidade às circunstâncias impostas pela mentalidade modernista. Ela, a modernidade, é já um caminho aberto para o desenvolvimento do continente, pois, já traz em si potencialidades como a ciência e a técnica, as quais podem fornecer um contributo inestimável para o desenvolvimento da África, se bem aproveitadas.

Ademais, a elite intelectual africana e os governantes das Nações africanas são chamadas a prestar um contributo salutar ajudando o continente a conhecer os seus melhores momentos. Hoje, o projeto da libertação e da auto-determinação do homem africano passa, necessariamente, pelo domínio da ciência e da técnica, que, são realidades das quais a África se deve apoderar para aplicá-las à sua situação concreta e, através das quais, o continente saberá desenhar o seu próprio futuro.

REFERÊNCIAS

Barbosa, A., Nazir, L., Laita, M., Haanstra, F. & Talaquichande, (2017). *A Sexta Edição das Normas APA*. 6.ed. Nampula, FEC.

Curtin, P.D. (1982). *Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral*. In: KI-Zerbo, Joseph. (Org.). *História Geral de África: I Metodologia e pré-história de África*. SP: Unesco.

Davidson, B. (1969). *Os africanos, uma introdução à sua história cultural*. Lisboa, Edições 70.

Dussel, E. (1994). *El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. Buenos Aires, Editorial Abya Yala.

Feierman, S. (1993) “*African histories and the dissolution of world history*”. In: Bates, R. H.; Mudimbe, V. O’barr, J. (Org.). *África and the disciplines: the contributions of research in África to the Social Sciences and Humanities*. University of Chicago Press.

Gil, A. C. (2000). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Geschiera, P. (2006). Feitiçaria e modernidade nos camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. *Afro-Ásia*. Sakvador, n. 34, pp. 9-38

Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Ianni, O. (1996). *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (3ª. ed.).

Lakatos, E. M; Marconi, M. A. (1978). *Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023

Para citar este texto (ABNT): DIAS, José Luís; NAHIA, Elizabeth Mariana Alfredo Capathia. Modernidade versus Tradição: uma visão africana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial II, p.484-493, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Dias, José Luís; Nahia, Elizabeth Mariana Alfredo Capathia. (out. 2023). Modernidade versus Tradição: uma visão africana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 484-493.